

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



“O PSICÓLOGO DISSE QUE ELE TEM QUE SE ACEITAR, SE VER NESSE NOVO CORPO”: investigando narrativas de mães de “adolescentes¹” trans

Sarah Branco de Menezes²

Paula Regina Costa Ribeiro³

* * *

Introdução

“O psicólogo disse que ele tem que se aceitar, se ver nesse novo corpo” é uma narrativa de uma das mães participantes de uma pesquisa de mestrado⁴ intitulada “Produção de Maternidades: Narrativas de mães de “adolescentes” trans que integram o Projeto Famílias e Diferenças”, projeto de extensão do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que reúne mães de sujeitos/as que se identificam como LGBTQIAP+⁵. A partir da narrativa dessa mãe,

¹ A palavra “adolescentes” será utilizada entre aspas ao longo do texto pois entendemos que essa categoria não é apenas uma fase natural da vida, mas uma construção cultural e social que produz determinados modos de significar e compreender a adolescência.

² Mestrado em Educação em Ciências no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências – PPGE da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE. Pesquisadora da Rede Ibero-Americana Gêneros, Sexualidades e Diferenças – RIAGSD. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8243-7575>. E-mail: sarahbrancodemenezes@gmail.com.

³ Professora titular do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências – PPGE da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Pós-doutora em Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra/PT. Coordenadora e Pesquisadora da Rede Ibero-Americana Gêneros, Sexualidades e Diferenças – RIAGSD. Editora da Revista Diversidade e Educação. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE. Bolsista produtividade 1C do CNPq. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. Universidade ou instituição, cidade, estado, país. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7798-996X>. E-mail: pribeiro.furg@gmail.com.

⁴ O presente estudo é um recorte de uma dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências – PPGE, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

⁵ Sigla utilizada para abarcar diferentes identidades de gênero e sexualidades, como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/travestis, queer, intersexo, assexuais e pansexuais, além de outras expressões contempladas pelo “+”, ou seja, sujeitos/as que escapam da norma e da lógica cisheteronormativa.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



surgem inquietações sobre como a transexualidade vem sendo compreendida e sobre o lugar que o discurso psicológico passa a ocupar na interpretação dessas experiências. Com base em Michel Foucault (2008), entende-se que os discursos não apenas descrevem objetos, mas produzem os objetos de que falam. Assim, busca-se problematizar como o discurso psicológico passa a operar como referência na produção de sentidos sobre as experiências de mães de “adolescentes” trans. A partir dessa compreensão, estamos interessadas em problematizar como determinados saberes, entre eles o discurso psicológico, passam a operar como referenciais para compreender e explicar as experiências vividas pelas mães de “adolescentes” trans.

Ao falar sobre transexualidade, nos remetemos a um tema que vem adentrando a ordem discursiva contemporânea, se destacando cada vez mais nos últimos anos, seja através da ciência que vêm produzindo saberes sobre as pessoas trans, seja nas mídias sociais, na internet, na televisão, nas novelas e séries, entre outros artefatos culturais e campos de saber. Esses saberes são múltiplos e, muitas vezes, contraditórios. Ao mesmo tempo em que emergem discursos que reconhecem as experiências trans como legítimas e produzem narrativas de afirmação e direitos, há também os discursos que persistem em explicar, enquadrar ou controlar essas existências. É nesse tensionamento entre os saberes que afirmam e os saberes que normatizam que a transexualidade vai sendo discursivamente produzida e disputada.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como discurso psicológico é mobilizado nas narrativas das mães de “adolescentes” e como tal discurso participa da produção de sentidos sobre a transexualidade e a maternidade.

Partindo dessas inquietações, este trabalho insere-se no campo dos Estudos de Gênero pós-estruturalistas, em que compreendemos a transexualidade, bem como o gênero, como construções discursivas, ou seja, significa reconhecermos que estamos

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



diante de categorias históricas e culturalmente produzidas que constituem e atravessam as experiências das mães de “adolescentes” trans.

Metodologia

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou a investigação narrativa como metodologia, por compreendê-la como potente para investigar como o discurso psicológico interpela as narrativas de mães de “adolescentes” trans. Nessa perspectiva, as narrativas são entendidas como espaços de produção de sentidos, nos quais as experiências não correspondem apenas a relatos do vivido, mas são atravessadas por diferentes discursos e práticas sociais. Conforme destacam Jean Clandinin e Michael Conelly (2011), a investigação narrativa constitui uma forma de compreender a experiência por meio do viver, do contar e recontar histórias, processo no qual as mães ressignificam tais experiências. As narrativas foram produzidas a partir de um convite enviado no grupo de *WhatsApp* das mães, do qual cinco aceitaram participar da pesquisa. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/FURG. As participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e receberam o termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo o sigilo de suas identidades e de seus/suas filhos/as trans. As entrevistas foram realizadas de forma online, via *Google Meet*, conforme a disponibilidade das participantes. Os nomes fictícios foram escolhidos pelas próprias mães. As mães têm idades entre 44 e 49 anos e, quanto à autodeclaração racial, quatro se identificam como brancas e uma como parda. Em relação à formação e atuação profissional, duas são pedagogas, uma é professora da rede básica de ensino, uma é cabeleireira e uma é enfermeira. No que se refere à religião, duas se declaram católicas, uma espírita, uma kardecista e uma umbandista. As participantes são mães de três meninos trans e duas meninas trans, com idades entre 14 e 18 anos. Entre os

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



meninos trans, dois estudam em escolas da rede privada e um em escola pública; entre as meninas trans, uma estuda em escola privada e a outra em escola pública.

Resultados

A análise das narrativas das mães de “adolescentes” trans evidenciou a recorrência a saberes especializados, especialmente da psicologia, mobilizados para compreender e interpretar as experiências de seus/suas filhos/as. A presença desse discurso mostra o lugar de autoridade que passam a ocupar na produção de sentidos sobre a transexualidade, permitindo problematizar os efeitos desse saber nas formas como as mães narram e compreendem essas vivências.

*A gente tava na pandemia e lembro que eu procurava **alguém que atendesse adolescentes** e tu não acha na cidade. [...] **Não tem médicos voltados para adolescentes**, as pessoas precisam se atentar porque **é um atendimento diferenciado, é específico**. (Bianca) Grifos nossos.*

*O que a gente pensa como pessoa primeiro vem antes da questão da psicóloga, ela tinha dúvidas como eu. Foi um dos primeiros casos que ela pegou e **não estava preparada, mas foi muito aberta**. [...] Enquanto a psicóloga da Carmem, a Carmem percebia o irmão muito agressivo, não era mais aquela convivência de harmonia, reclamava para a psicóloga dela e **ela disse “isso é uma fase, daqui a pouco passa”**. É um assunto que por **muito tempo foi tabu** até na **formação desses psicólogos**, eles têm certa dificuldade e também tem **as crenças pessoais que atrapalham bastante**, eu acredito. (Carla) Grifos nossos.*

As narrativas da Bianca e da Carla evidenciam como o discurso psicológico é acionado na produção de sentidos sobre as experiências trans, ao mesmo tempo em que revelam tensões nesse campo, como a dificuldade de acesso a profissionais preparados/as e as limitações na formação desses/as profissionais. Nesse sentido, Mariana Pombo (2020) destaca a importância de questionar os fundamentos desse discurso para possibilitar outras formas de compreender a transexualidade e favorecer uma escuta clínica mais aberta às singularidades dessas experiências. Além disso, ao afirmar que “isso é uma fase”, a psicóloga mencionada pela Carla deslegitima a vivência do

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



“adolescente” trans, mobilizando uma compreensão naturalizada da adolescência, entendida no campo psicológico como uma fase marcada por conflitos considerados “naturais” (Bock, 2007). Caroline Amaral (2023) afirma que a psicologia, ao produzir saberes sobre os sujeitos e definir quais vivências seriam consideradas normais ou não, também exerce um poder de governo sobre essas existências. Nesse sentido, ao interpretar a vivência do “adolescente” trans como uma “fase”, mobiliza-se uma compreensão naturalizada da adolescência, evidenciando como discurso psicológico produz sentido sobre essas experiências. As narrativas também mostram que situações de sofrimento vivenciadas pelos/as “adolescentes” trans mobilizam a busca por apoio no campo da saúde mental, fazendo com que discursos psicológicos e psiquiátricos passem a ocupar um lugar nessas vivências, como observado nas narrativas da Sandra e da Lu.

A Marta faz terapia com psicóloga, com psiquiatra não fazia mas ele⁶ ia começar a namorar, tava apaixonado, ficou com um menino trans e o guri ignorou. Entrei no quarto, vi ele muito triste, o braço todo cortado, cortes horizontais, sequenciais. Corte fundo com gilete. Eu disse “que isso meu filho?”, e ele “diminui a dor”, eu disse “há quanto tempo tu faz isso?”, ele “já faz um tempinho”, eu “como nunca vi?” e ele “eu fazia em lugares escondidos”. A pele tava pedindo socorro. [...] Mande mensagem pro psiquiatra, começou a tomar medicação, toma controlador de humor, remédio pra dormir e ansiolítico. Faz acompanhamento com psiquiatra e terapeuta. (Sandra) Grifos nossos.

Levo ao psiquiatra porque estava tendo crises de ansiedade, coração disparando, se sentindo mal. A escola mandou uma nota que eu devia levar para fazer um check-up. (Lu) Grifos nossos.

Ambas as narrativas evidenciam que situações de sofrimento vivenciadas por “adolescentes” trans mobilizam a busca por acompanhamento no campo da saúde mental. Na narrativa da Sandra, esse sofrimento torna-se visível a partir da descoberta da automutilação, descrita como forma de “diminuir a dor”, o que levou ao encaminhamento

⁶ Na narrativa, observa-se o uso do pronome masculino, relacionado ao sexo atribuído no nascimento. Ao mesmo tempo, a filha passa a ocupar uma nova posição de sujeito/a, evidenciando o processo de transição vivido pela mãe em seu processo de reconhecimento.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



psiquiátrico e ao uso de medicação. Nesse contexto, observa-se um processo de medicalização que, segundo Janaína Janini *et al.* (2017), estabelece padrões de normalidade e define modos de intervenção sobre os/as sujeitos/as. De modo semelhante, a Lu relata que, diante das crises de ansiedade na escola, recebeu orientação para buscar avaliação psiquiátrica, evidenciando como os discursos psicológicos e psiquiátricos atravessam essas experiências e produzem formas específicas de interpretá-las e intervir sobre elas.

Considerações Finais

Este trabalho analisou, a partir das narrativas de mães de “adolescentes” trans, como o discurso psicológico atravessa a produção de sentidos sobre essas experiências. As análises indicam que esse discurso produz a forma como essas vivências são interpretadas, ora associadas a explicações naturalizadas da adolescência, ora ao acompanhamento psicológico e psiquiátrico e ao uso de medicações. Assim, problematizar as verdades produzidas por esse discurso torna-se fundamental para ampliar possibilidades de escuta e reconhecimento das vivências de “adolescentes” trans e de suas famílias.

Referências

AMARAL, Caroline Amaral. **Psicologia, gênero e sexualidade**: discussões curriculares na formação de psicólogos/as das universidades federais do extremo sul do Brasil. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Rio Grande/RS, 134p., 2023.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v. 11, n. 1, jan./jun. 2007.

CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, Frederick Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história de pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: Ed. UFU, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Baeta Neves. 7ª edição, Rio de Janeiro, Editora Fourense Universitária, 2008.

JANINI, Janaina Pinto; SANTOS, Rosângela da Silva; VARGENS, Octavio Muniz da Costa; ARAÚJO, Luciane Marques de. A medicalização e patologização na perspectiva das mulheres transexuais: acessibilidade ou exclusão social. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 25, p. e29009, 2017. DOI: 10.12957/reuerj.2017.29009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/29009>. Acesso em: 15 mar. 2026.

POMBO, Mariana. Discursos Contemporâneos sobre as Transexualidades: Poder, Verdade e Subjetivação. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 770-789, dez. 2020. Disponível em <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812020000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 mar. 2026.
<https://doi.org/10.12957/epp.2020.54348>.